

LEITURA E INTERNET: A FORMAÇÃO DO LEITOR NAVEGADOR PELA ESCOLA

*Carlos Murilo Duarte Novais
Odiley de Aquino Freitas¹*

RESUMO: O presente artigo irá propor uma meditação a respeito da leitura e da internet no processo de formação do leitor navegador pela escola, e a sua contribuição para com o desenvolvimento de habilidades deste aluno no que tange especificamente a leitura. Muitos desses alunos atualmente estão sendo desafiados por esse novo modelo de leitura proporcionado pela navegação em hipertextos, no qual as informações são apresentadas por meio de uma rede intrínseca de indivíduos interconectados por *links*, que podem ser acessados livremente. Partindo dessa problemática, serão levantadas questões acerca da formação desse novo tipo de leitor, qual o papel da escola nesse processo e as habilidades que este leitor deverá adquirir para “navegar” nesse oceano de informações que é a internet.

PALAVRAS-CHAVE: Internet. Leitura. Aprendizagem. Escola. Formação de leitores.

ABSTRACT: This article will propose a meditation on the reading and the internet in the formation of the browser player for the school process, and their contribution to the development of skills of this student with specific respect to reading. Many of these students are currently being challenged by this new model of reading provided by navigating hypertext, in which the information is presented via an intrinsic network of individuals connected by links, which can be accessed freely. Starting from this issue will be raised questions about the formation of this new type of reader, which the school's role in this process and the skills that this player should get to "navigate" in this ocean of information that is the internet.

KEYWORDS: Internet. Reading. Learning. School. Formation of readers.

INTRODUÇÃO

A Internet se constituiu em um dos maiores avanços da comunicação humana nas últimas décadas, configurando-se assim uma forte aliada ao ensino-aprendizagem da leitura e escrita, pois através dela o indivíduo é levado a ter um contato com uma quantidade quase infinita de informações, que são veiculadas na web através de diversas formas, tais como os novos gêneros textuais digitais.

¹ Acadêmicos do 8º período do curso de Letras Português/Inglês da Faculdade Alfredo Nasser. Artigo apresentado para obtenção de nota total na disciplina de TCC, sob orientação do Professor Ms. Newton Monteiro.

Com o avanço do surgimento de novos gêneros textuais na internet, que somente neste suporte são criados e difundidos, emergiu a necessidade de se discutir sobre as leituras das informações disponibilizadas na web, bem como quais são os desafios no processo de aprendizagem da leitura na internet e na formação desse novo leitor, e se é possível que as novas formas de escrita na rede proporcionem a aprendizagem e o desenvolvimento da leitura, já que somente a exposição do indivíduo a quantidade massiva de informações presente na rede mundial de computadores não é sinônimo de aprendizado concreto e válido.

Partindo desse pressuposto, o objetivo principal deste estudo é buscar compreender o uso da leitura na internet como uma nova linguagem e seu potencial como contribuinte para a ampliação do conhecimento, que deve tomar como ponto de partida a escola, pois é através dela que todo indivíduo pode ter o acesso aos conhecimentos intelectuais básicos, sendo assim esse novo conhecimento não deve ser tratado de forma diferente de outras disciplinas presente no currículo escolar.

Este trabalho também proporá algumas competências que os jovens alunos brasileiros devem dominar para possibilitar a prática de leitura e de letramento contínuo na internet. Enfim, tudo culminará na criação de um tipo de projeto de que norteie a formação, e não o simples “adestramento”, de sujeitos com condições de satisfazerem as suas necessidades informacionais e que os possibilite a participarem ativamente e dignamente dos destinos da sociedade.

O “analfabetismo digital” no Brasil constitui-se num desafio a ser enfrentado e imediatamente superado, pois numa sociedade democrática, é esperado que todos os indivíduos (cidadãos) sejam devidamente preparados para compreenderem e manejarem todas as linguagens que servem para dinamizar ou fazer circular a cultura, assim de acordo com Souza (1999, p. 8) a leitura surge com a própria civilização, fruto do pensamento e ações pessoais que se desenvolvem para suprir um saber que se renova com a evolução sociocultural.

Para superar esse novo tipo de analfabetismo, um elemento chave deve ser posto em destaque: o professor. Será mínima a socialização da internet em nosso meio, ou pelo menos, será muito lento esse processo, se o professor não estiver habilitado para utilizar o computador, incluindo nessa assertiva o domínio das principais ferramentas, programas, e linguagens que esta tecnologia predispõe, no intuito de possibilitar a produção e a recepção de informações virtuais. Isso resultaria numa retardação no usufruto dos benefícios dessas novas tecnologias pela maioria da população brasileira.

Mas o leitor da web não lê da mesma maneira que os leitores dos livros impressos e das revistas em papel. Esse novo leitor, o navegador, conta com uma nova ferramenta, o clique do *mouse*, que o possibilita interagir com um mundo quase infinito de informações dos mais variados tipos e procedência. Basta um conteúdo se tornar monótono para que este leitor se dirija a outro. Mas a grande problemática reside no fato de que a maioria não lê na web, pelo menos não da mesma maneira que leitor convencional. A tela do computador, pode se tornar uma plataforma desconfortável quando se é preciso uma leitura aprofundada de determinado assunto, pois ela não é portátil, e mesmo as outras plataformas, como os tablets e leitores de livros eletrônicos, que permitem essa portabilidade, ainda contam com a limitação da quantidade de conteúdo disponível para essas mídias. O sucesso na iniciativa de leitura na web dependerá também da compreensão dos hábitos do leitor.

Segundo Almeida (2008, p. 47) para compreender esse novo e complexo meio de aquisição de conhecimento é preciso reiterar que uma de suas principais características é a possibilidade de diminuir as diferenças históricas entre educação e diversão.

De acordo com Lévy (1999, p. 40) essa diferença vem sendo diminuída através dos multimeios didáticos, os quais, de forma interativa, se adaptam particularmente ao uso educativo. Quanto mais ativamente um indivíduo participa dos processos de aquisição de conhecimento, mais ele irá reter aquilo que aprender. A multimídia interativa, graças a sua dimensão totalmente volátil, permite a construção de um conteúdo não linear: o hipertexto, que permite formas de exploração de recursos audiovisuais que não são possíveis no papel.

Por ultimo e não menos importante, temos o aluno como um dos principais sujeitos sobre o qual este trabalho é pautado. As crianças e os adolescentes têm contato cotidianamente, através da internet, com inúmeras informações, veiculadas sob diferente linguagens, acarretando assim em mudanças na percepção da realidade, nos relacionamento interpessoais e até mesmo interinstitucionais e na (re)construção ou (re)elaboração de novos conhecimentos.

1 Diversas visões acerca da leitura

Da necessidade de comunicação e compreensão dos povos que tentavam descobrir os segredos das expressões populares, nasceu a leitura. Foi na antiguidade que

a sua aprendizagem se tornou uma necessidade, destinada somente aos homens com a finalidade de ler os documentos destinados a classe dominante.

Mas neste momento histórico, as leituras eram realizadas de maneira controlada, na tentativa de evitar que as pessoas obtivessem uma grande quantidade de conhecimento por meio dos livros, obtendo assim capacidade autônoma, livre a atuante numa sociedade onde somente os homens poderosos davam ordem e controlavam a vida de toda a sociedade. O ato de ler além de transmitir uma visão ampla do mundo aos leitores, também é capaz de fornecer um maior domínio de argumentação e poder, e isso não passou despercebido pela classe dos “letrados”, influenciando diretamente e indiretamente na sua ação e atitude, independente do momento histórico vivenciado pelos homens que desejavam a liberdade, porém com medo daqueles que viessem a dominar a leitura.

De acordo com Barthes e Compagnon (1987, p. 184), no decorrer da história, ler sempre esteve ligado às lutas políticas e sociais, à manutenção do poder das classes dominantes, reforçando discriminações e ampliando todas as inúmeras desigualdades que já existiam, quando o clero impedia que as classes populares tivessem acesso à leitura. Neste período, era o clero quem escolhia os textos que seriam lidos pelas classes populares.

Esses fatores podem ter desencadeado nos dias atuais o que é definido por Cramer e Castle (2001, p. 14), a “a literatura, falta de hábito de leitura em leitores capazes que preferem não ler”, já que não podiam gozar do livre arbítrio no momento de escolher uma leitura. Assim, gostos literários que a igreja não aprovava, eram deixados de lado. A leitura exerce um poder fascinante, pois permite o domínio sobre os menos privilegiados do mundo do saber, o que resulta numa relação de total controle, a qual é confirmada no meio social. É no cotidiano que podemos comprovar a subjugação em todo lugar. É a leitura e a interpretação, mostrando que é essencial no processo de ensino-aprendizagem, carecendo de ser inserida na sociedade para que as pessoas não sejam somente seres manipulados por aqueles que a detêm. (BRANCO, 2008).

O acesso à leitura é um direito social, além de desempenhar importante função no exercício da cidadania. Sua utilização é fundamental a vida das pessoas, seja como fonte de entretenimento, ou para obtenção de poder, pois, de acordo com Ruiz (2002, p. 35), ela “[...] amplia e integra conhecimentos, abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando a consciência [...]”. Ela é responsável pelo êxito pessoal, bem como pela

expansão comunicativa, sendo assim, ler também significa liberdade, autonomia além de uma conquista dos indivíduos da sociedade.

Para Lévy (1999), as práticas de leitura e escrita estão sendo redesenhadas e assumindo uma nova modelagem, que propõe a desestruturação do tempo-espaço por causa da pós-modernidade, a partir do momento que se utiliza espaços desterritorializados virtuais para uma leitura dinâmica e interativa. A *web 2.0*, associada ao conceito de inteligência coletiva, espalhada por todos os lugares, valorizada, coordenada em tempo real, pode resultar numa mobilização concreta, na qual os objetivos principais são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo de pessoas, e não o culto de comunidades fechadas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais assim definem a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (BRASIL, 2001, p. 53)

O processo de transformação do leitor inativo, que é aquele que lê, que assimila o conteúdo, mas não o vê de maneira crítica e reflexiva, para o leitor ativo, aumenta a percepção do indivíduo sobre o mundo, sobre o objeto de estudo, sobre a linguagem e principalmente sobre a sociedade. Quando a internet é integrada a esse processo, temos o não apenas o leitor comum, mas sim o “leitor virtual”.

Com isso, emerge a problemática pautada no hábito de leitura, assim como na interpretação, reflexão crítica, análise e síntese, capacidade de pensar e construir novos conhecimentos e saberes nos ambientes virtuais, nos quais é possível, em tempo real, intervir em qualquer conteúdo. Respalda em Luckesi (2003, p. 119), que diz que “[...] a leitura, para atender o seu pleno sentido e significado, deve, intencionalmente, referir-se à realidade. Caso contrário, ela será um processo mecânico de decodificação de símbolos”, ou seja, a leitura não é apenas decodificar símbolos e sinais, ela é algo essencial para a completa integração entre os seres humanos e exige o seu pleno domínio por parte do leitor, a fim de que ele não fique alheio, distante das mais variadas formas de comunicação, ampliando assim a fenda entre o mundo globalizado.

Esse novo ambiente de leitura, o virtual, no qual o ser humano está sendo inserido, “[...] propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impondo uma nova forma de inscrição”. (CHARTIER, 2002), o que irá

reforçar a convivência com os modernos tipos de textos utilizados pelos internautas, fazendo-os reconhecerem essa transformação, visando à integração social num mundo em constante mutação e adquirirem habilidades essenciais para a aprendizagem e o relacionamento com conhecimentos essenciais no século 21.

Mas apenas estar acessível não é suficiente para gerar o estímulo à prática de leitura. De acordo com Chartier,

[...] um livro existe sem leitor? Ele pode existir como objeto, mas sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual. Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para inscrevê-lo na memória ou transformá-lo em experiência? (CHARTIER, 1998, p. 154)

É de fundamental importância a comunicação com o texto no processo de leitura. Mas esta não será efetiva se o não desenvolver as habilidades necessárias para que este processo se concretize de fato. Com isso, a era digital instiga a nova geração a ser participativa, a exercer a função de cocriador de conteúdos, além de aprender ensinando outros a utilizar a *web 2.0*.

[...] o suporte digital permite novos tipos de leitores (e de escritas) coletivas. Um *continuum* variado se estende assim entre a leitura individual de um texto preciso e a navegação em vastas redes digitais no interior das quais um grande número de pessoas anota, aumenta, conecta textos uns aos outros por meio de ligações hipertextuais. (LÉVY, 2001, p. 43).

Desencadeando um processo de aprendizagem ao leitor virtual, um novo mundo é revelado. Este leitor ao manter contato com a leitura e escrita nos ambientes virtuais, adquiri habilidades essenciais para a aprendizagem e os relacionamentos com conhecimentos e saberes fundamentais no século XXI.

2 Tecnologia e informação: o professor como estrategista da aprendizagem.

Leitura e internet podem alterar um grande número de internautas em pessoas instruídas, pois existem muitas informações que poderão converter-se em conhecimento, algo tão importante para o mundo moderno. Com isso pode-se afirmar que a leitura na internet representa uma nova linguagem com um impulso muito grande para a aprendizagem. Durante alguns anos, a web e seus computadores tem se tornado nossos aliados no dia a dia. Suas praticidades têm ajudado pessoas de todos os níveis

intelectuais e classes sociais. Segundo Freire (2008 p. 20), “[...] o impacto da Internet nos diferentes segmentos de nossa sociedade traz consigo uma aura de novidade/modernidade”.

Percebemos que a era digital chegou de modo irreversível e está cada vez mais presente na vida do ser humano e assim trouxe com ela muitos questionamentos que só serão respondidos com o passar tempo, questionamentos como: de que forma a web afetará as escolas? Será que em um futuro mais distante teremos ainda uma sala de aula tradicional composta por simplesmente carteiras e um quadro negro? E os professores, continuarão a usarem seus livros didáticos e a escreverem em quadros enquanto os alunos copiam? E como usar toda essa tecnologia a favor da educação, despertando no aluno um interesse maior pela leitura? De certa forma já existe uma mudança bastante significativa no âmbito escolar onde os orientadores, principalmente os que trazem consigo os costumes antigos, terão que quebrar seus paradigmas e se adequarem a era da modernidade, o que para muitos professores será uma tarefa muito difícil.

O susto maior parece residir nos diferentes segmentos do magistério. Isso porque todo o potencial trazido pelo uso do computador e através dele pela internet – parece ter pego os professores no contrapé, levando-os, num trocadilho, a permanecer na contramão da própria inovação / renovação do ensino. (SILVA, 2008, p.15)

A internet precisa ser para muitos professores mais um meio de comunicação, ou seja, o professor deverá utilizá-la como uma ferramenta a mais para suas estratégias de aulas, pois a tecnologia é uma ferramenta muito importante para que as crianças e os jovens construam e fortaleçam o seu aprendizado. Mas com certeza o uso desta ferramenta em uma sala de aula é uma realidade de poucas escolas que contam com professores capacitados e uma estrutura que garanta o acesso a computadores e a internet. Entre tantas dificuldades encontradas no âmbito escolar, as que chamam mais atenção é o fato do preceptor geralmente não ter um planejamento voltado para leitura na rede por não conhecer bem os recursos que ela possa oferecer e depois repassar para os seus alunos. Conhecer bem sobre os sites, se eles são confiáveis, educativos e se estão apropriados para a faixa etária naquele momento de aprendizagem, é tarefa também dos professores, pois estes, que não conseguem planejar e conhecer esta ferramenta vão sentir muita dificuldade com os seus alunos. O educador tem que eleger jogos e programas interativos que agreguem o trabalho com os conteúdos didáticos explorado na escola e criar objetivos práticos para formar leitores que realmente se

sintam atraídos pela leitura por muitos anos ou talvez pelo resto de suas vidas. Cabe a ele despertar no aluno uma paixão pelo hábito da leitura, pois é esta paixão a principal responsável pela formação do leitor.

Com base no meu conhecimento da realidade escolar brasileira (um conhecimento que já vai para mais de 30 anos, como professor, pesquisador, consultor etc.), não me resta dúvida de que o grande problema para a superação do analfabetismo digital e / ou para a aprendizagem do manejo de computadores pelas novas gerações reside num elemento-chave: o professor (SILVA, 2008, p. 53)

O uso da internet tem suas vantagens, como por exemplo, o acesso rápido e sem restrições às informações, desde que o aluno faça uma reflexão e, que ele tenha um resultado positivo daquilo que viu e conheceu. Um ponto interessante são os pais, que podem auxiliar no processo de aprendizagem. Cabe a eles ficarem atentos quanto aos sites visitados pelos filhos e, se a criança ou adolescente consegue fazer uma ponderação acerca do texto lido e a quantidade de horas que estes passam na frente do computador, para que eles não se tornem anti-sociais.

Se pararmos para uma reflexão, perceberemos que o mundo da aprendizagem dos jovens se divide basicamente em escola e internet, sendo que o primeiro é para receber um diploma e o segundo com grupos informais para aprender mais sobre a realidade que o cerca. Essa dicotomia continuará até que haja uma reforma bastante profunda na escola. Reformar a escola profundamente representa a mudança mais fundamental da história porque as escolas continuam funcionando exatamente como eram na Idade Média, sem internet, sem interatividade, ou seja, o professor chegava e explicava o conteúdo, o que continua sendo assim em todos os níveis de ensino.

[...] o espaço escolar com falta de uma postura profissionalizante, ou seja, o professor precisa tomar consciência da necessidade de uma nova referência com relação à sua capacitação continuada, pois restringir-se ao conhecimento adquirido em sua formação e, principalmente, à capacitação instrumental do chamado “ensino de giz-e-lousa” não é o suficiente na sociedade da informação e comunicação em que os alunos estão inseridos. (AMARAL, 2008, p. 59)

Outro ponto interessante é saber o quanto a internet e as novas tecnologias têm mudado a vida do indivíduo, seus hábitos de leitura, e tem ajudado a reformular o jeito de se ensinar nos dias de hoje e o mundo de uma forma geral. Então o docente tem que perceber que os modos de leitura se modificaram e que ele precisa acompanhar essa

mudança para que sua aula não se torne desagradável. Entre tantas mudanças podemos destacar a forma como é recebida e trocada as informações e, o mais importante na área da educação é entender como nos aprendemos usando a internet. Mas existe pensamento contrário como o do escritor americano Nicholas Carr que faz uma acusação muito séria.

[...] a exposição constante às mídias digitais está mudando, para pior, a forma como pensamos. Ele e um punhado de autores respeitáveis acreditam que, por causa do uso excessivo de computadores e de outros aparelhos digitais, nosso cérebro é alterado e estamos nos tornando menos inteligentes, mais superficiais e imensamente distraídos – o inverso de tudo aquilo que fez de nós a espécie mais bem-sucedido do planeta terra. (CARR, 2011, p. 77).

Voltando a falar do papel da escola, cabe a ela trabalhar com o desenvolvimento da autodisciplina e com o autoconhecimento, ou seja, identificar como este aluno aprende, quais são os veículos com os quais este aluno se identifica mais para aprender, seria com imagens, com áudios ou quando este aluno tem a oportunidade de manipular algo? A única certeza que se têm é que o computador e a internet são ferramentas que estão cada vez mais presentes na vida das crianças, jovens e adultos. Na vida das crianças essas ferramentas estão chegando cada vez mais cedo, isso mostra como a internet vai mudando os hábitos e atitudes dos seres humanos principalmente em relação ao hábito da leitura. Segundo Amaral (2008, p.45) “são as crianças as que melhor dominam um novo aparato tecnológico e estão na ponta de um processo transformador”.

As novas tecnologias vieram para ficar, pois o atual contexto muda a maneira que o indivíduo pensa, trabalha, e se comunica, já que a velocidade com a qual a informação é veiculada é muito rápida, as pessoas se tornam muito mais interativas, nós não só recebendo informações, mas participando e interagindo com outras. Hoje aprender se tornou algo cada vez mais necessário tanto para o mercado de trabalho quanto para exercer a cidadania por completo. Tudo isso envolve tecnologia, por isso ela muda o modo de pensar e conseqüentemente, o modo de aprender. “A comunicação mediada por computadores traz, no seu bojo, uma série de transformações sociais e, portanto, linguísticas” (SILVA, 2008, p. 30).

O uso da internet e do computador em relação ao aprendizado se tornou uma arma muito poderosa, por isso é necessário saber exatamente o que se está fazendo, para que, por exemplo, o aluno não se desconcentre em suas pesquisas, o que pode acontecer

de forma rápido. Eles podem perder o foco na leitura para responder alguma mensagem, ver vídeos, ou até mesmo ouvir música. Talvez este seja o maior problema para os jovens que realizam a leitura através na internet. Para evitar que isso não ocorra, o docente tem que entender a diferença entre o acesso digital e a inclusão digital. A escola, por exemplo, pode dar acesso digital permitindo o uso de notebooks, tablets ou até mesmo celular, mas ao mesmo tempo ela tem que estar incluindo digitalmente este aluno para que se proponha uma discussão ética, discussão de conteúdo e de seleção de material, com isso formar leitores críticos.

Quando se fala em leitores críticos, refere-se àqueles que saibam separar o lixo eletrônico do conteúdo de qualidade. Existem muitos textos que não condizem com o autor, e por isso o aluno e até mesmo o professor tem que aprender a manusear a internet para que haja uma leitura crítica no meio digital.

Deste modo seria interessante alinhar a tecnologia com o projeto pedagógico da instituição de ensino, na intenção de formar pessoas capazes de utilizarem essa tecnologia nas aulas de história, português e demais disciplinas. É necessário compreender que as tecnologias são uma nova ferramenta de aprendizagem com isso é imprescindível que o professor esteja preparado para lidar com elas.

Mas a realidade é outra, pois muitos professores e gestores ainda encontram dificuldades para lidar com essa modernidade.

Sem que o professor esteja objetivamente habilitado para o uso dos computadores, incluindo aqui o domínio dos principais programas e das principais linguagens para a produção/recepção de informações virtuais, serão mínimas as chances de uma socialização da Internet em nosso meio ou, se quiser, será muito lento esse processo, retardando sobremaneira o usufruto dos seus benefícios pela maioria da população brasileira. (SILVA, 2008, p.53)

O uso dessas ferramentas em sala de aula pode desenvolver no aluno certas habilidades como, por exemplo, trabalho em cooperação com os demais na intenção de construir um conhecimento de maneira coletiva, participativa, onde uns aprendem com os outros. Outra inovação é um novo grau de autonomia e de iniciativa que isso pode gerar nos alunos, que atuarão como pesquisadores.

Para finalizar, podemos dizer também que não há uma anulação de uma mídia a partir da criação de outra, mas, há sim uma transformação daquela, e um bom exemplo desta transformação é o surgimento da televisão, onde todos pensavam que ela substituiria o rádio. Este pensamento é voltado também para os livros, onde muitos

acreditam que deixarão de existir por causa da internet, o que não é verdade. Muitas editoras afirmam que a internet é a principal responsável pelo aumento das vendas de livros.

[...] as vendas de seus livros impressos aumentaram consideravelmente após serem publicados, gratuitamente, em formato digital, em seu web sítio. Obras cuja vida comercial havia se encerrado obtiveram um novo alento após serem publicadas digitalmente. (SILVA, 2008, p.103)

3 Hipertexto: possibilidades e limites para a formação do leitor de suporte virtual

No mundo atual, dominar a leitura é uma capacidade primordial de existência, e com a vinda das tecnologias de informação e comunicação, principalmente a internet, ler bem, de maneira rápida e crítica é uma condição indispensável. Mas a leitura crítica não pode ser realizada de maneira mecânica, mas sim através da caracterização de um conjunto de exigências com as quais o leitor crítico se encontra, ou seja, exigirá no mínimo, a constatação, cotejamento e transformação de todas as informações presentes no texto.

Ler e escrever bem sempre foi importante, porém, atualmente os leitores são desafiados por um novo modelo de leitura proporcionado pela navegação em hipertextos, nos quais as informações são apresentadas por meio de uma rede de pessoas interconectadas por *links* que podem ser acessados de maneira livre e não-linear (RAMAL, 2002).

O hipertexto é um exemplo de texto que foge dos padrões, conseguindo inserir na sua formação a hibridação, ou seja, de acordo com Correia e Antony (2003), é um texto criado a partir de quatro elementos: a intertextualidade, a heterogeneidade, a não-linearidade e a interatividade. Este último implica a participação ativa do sujeito numa transação de informação; a reapropiação e a recombinação do material que foi aproveitado; além da suspensão e reorientação do fluxo informacional em tempo real. “[...] na perspectiva da interatividade é preciso que o suporte informacional disponha de flexibilidade e disponibilize disposições para intervenção do usuário” (SILVA, 2002, p. 109). A leitura feita através de hipertextos sofrerá interferências constantes por parte do leitor, pois a interatividade incide em relacionar ideias e temas numa via de mão dupla: de um lado, escolher links e do outro produzir inferências (CORREIA; ANTONY, 2003).

Diante do que foi exposto até aqui, é evidente a necessidade de repensar não só a formação docente diante dos novos desafios na prática pedagógica, mas também as habilidades que o leitor deverá dispor para que a leitura em suporte virtual seja concreta. A seguir, serão apresentadas algumas sugestões para que o leitor do suporte virtual baseado no hipertexto tenha êxito.

A primeira habilidade a ser adquirida e dominada é estar familiarizado com o ambiente da rede, entendendo e se adequando ao seu ambiente não-linear. A leitura neste suporte pode ser um pouco confusa para os leitores iniciantes, que por sua vez ficam inseguros justamente pela não-linearidade. Mas esta é a principal característica do hipertexto, que exigirá do leitor a aceitação de que não há uma ordem ou um roteiro definido a seguir. De acordo com Morin (1990), este é justamente o princípio que rege este tipo de leitura e uma de suas implicações está na necessidade do leitor aceitar a complexidade, a incerteza e encontrar ordem na desordem.

Outro ponto chave está pautado na atenção a ser dada aos links, para acessá-los no tempo certo, pois geralmente não estão ali por acaso. Complementando e enriquecendo o texto, eles permitem o acesso ilimitado que pode gerar dispersão no leitor. Mas esta é uma possibilidade que, mesmo sendo comum, pode ser contornada. O leitor deverá adquirir a cultura de criar mecanismos e esquemas que lhe permita ler o texto e acessar o que é importante, no intuito de criar arquivos nos quais possa se concentrar e aprofundar num outro momento.

O leitor também deve saber que o hipertexto não foi projetado e criado por apenas uma pessoa, mas sim por uma equipe. Vale prestar bastante atenção aos detalhes presentes neste tipo de leitura, mas sem se concentrar apenas no texto escrito. Tentar reproduzir uma leitura linear num ambiente no qual a tônica se concentra na não-linearidade é um erro cometido por muitos leitores da web. Nesta linha de pensamento, Marchuschi (2010) afirma que isto é uma forma de resistência que o leitor impõe a este tipo de leitura por causa da fragmentação criada no hipertexto, pois através da possibilidade de vários caminhos imagináveis dentro deste ambiente podem contribuir para a futilização e superficialização da leitura. Mas em relação a não-linearidade vale se perguntar: o quanto dela somos capazes de absorver, sendo leitores de cultura linear? E qual parte dela mais nos interessa? Mesmo não sendo uma resposta concreta, mas de acordo com Almeida,

[...] O leitor, ao navegar pela Internet, certamente não lerá da mesma forma que lê um livro impresso. A enorme quantidade de informação e as limitações da tecnologia expõem um *stress* constante. O leitor-navegador tem o mundo ao alcance do clique do mouse. [...] Basta o texto se tornar levemente monótono para que o leitor dirija-se a outras paragens, provavelmente para nunca mais voltar. (ALMEIDA, 2008, p. 91).

Uma das características marcantes do hipertexto é a interatividade, que é a interconexão interativa na qual o leitor tem contato com vários autores. Se para Correia e Antony (2003, p. 62) a interatividade “[...] consiste em conectar termos e ideia em duplo sentido: escolher links e produzir inferências”, o leitor deverá, além de tudo realizar a leitura não só do texto, mas também dos ícones, símbolos, sons e imagens disponíveis junto com o hipertexto, pois estes elementos podem facilitar a compreensão do texto neste suporte.

O hipertexto e a hiperleitura que ele [o conteúdo informacional digital] permite e produz transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não linear, mediante conexões eletrônicas, assim como as ligações realizadas entre os textos fluidos em seus contornos e em número virtualmente ilimitado. Nesse mundo textual sem fronteiras a noção essencial torna-se a do elo, pensado como a operação que relaciona às unidades textuais recortadas para a leitura. (CHARTIER, 2002, p. 108-109).

Por ultimo, e não menos importante, a habilidade que fará toda a diferença na formação desse leitor é a capacidade de desenvolver uma estratégia na qual ela possa fazer uma pesquisa de maneira apropriada ao ambiente. Para Almeida (2008) ainda não existe uma forma de determinar a validade de uma informação. O discernimento e a vivência do leitor são os únicos recursos para verificar a validade das informações. Continuando, o autor afirma que auditar a qualidade da informação na Internet é uma tarefa impossível. Mas a comunidade de navegadores tem desenvolvido soluções bastante criativas para lidar com esse problema.

A tarefa de prover ordem num universo tão vasto no que concerne as informações na web é sem dúvida descomunal. O computador pessoal e de baixo custo foi o que tornou possível a explosão na geração de conteúdos e é também imprescindível para o processamento e filtragem destas informações. Felizmente, sinais de sucesso aparecem com frequência cada vez maior. O caos ainda impera, mas ele está se tornando cada vez mais organizado.

CONCLUSÃO

Os métodos tradicionais de ensino precisam ser sempre repensados, pois durante toda a história da educação mudanças aconteceram e estas muitas vezes foram mal vistas. Um ponto preocupante seria a supervalorização da tecnologia e ao mesmo tempo o esquecimento do conteúdo, pois este deve estar sempre em primeiro plano, e a tecnologia deve ser entendida como um suporte de transmissão deste conhecimento.

No mundo moderno, para que o indivíduo consiga exercer de forma plena sua cidadania, se faz necessário que ele domine no mínimo de forma básica grande parte da nova tecnologia de informação e comunicação, as TICs. Dentre estas, a que mais se destaca é a Internet. Esta rede que permite a interconexão de pessoas no mundo inteiro tem a cada momento evoluído de maneira intensa, e aglomerando por meio dos internautas cada vez mais informação. É justamente neste ponto que reside a questão: pode-se confiar em tudo que é “postado” e divulgado na web?

Como nem tudo que reluz é ouro, nem tudo na rede pode ser levado a sério. Nesta hora, saber lidar com este universo de informações é o que fará diferença quando o leitor decidir se aventurar a navegar por esses oceanos de informações. Mas para que esse leitor possa efetivamente saber separar o joio do trigo sua formação básica que acontece na escola abrange também conteúdos voltados para o letramento da escola na Internet. Este visando a formação de um aluno com habilidades que o permita interagir de forma dinâmica com tudo o que a rede tem e pode oferecer.

Claro que o leitor em formação deverá estar atento às possibilidades e limites da leitura em ambiente hipertextual. Se bem conduzida essa não modalidade além de tudo motivará o aluno a ler, lhe proporcionando construção de conhecimento e gosto pela leitura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. **O leitor navegador (I)**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. 3 ed. São Paulo, Cortez, 2008.

_____. **O leitor navegador (II)**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. 3 ed. São Paulo, Cortez , 2008.

AMARAL, Sérgio F. **As novas tecnologias e as mudanças nos padrões de percepção da realidade**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. 3 ed. São Paulo, Cortez , 2008.

BARTHES, Roland; COMPAGON, Antoine. **Leitura**. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional & Casa da Moeda, 1987, v. 11, p.184-206.

BRANCO, Antônio. **Da “leitura literária escolar” à “leitura escolar de/da literatura”: poder e participação**. In: PAIVA, Aparecida, VERSIANI, Zélia, MARTINS, Aracy et al orgs). **Leitura literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

CARR, Nicholas. **A internet faz mal ao cérebro?** **ÉPOCA**, São Paulo, v. 702, p.77, 2011.

CHARTIER, Roger. **As aventuras do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CORREIA, A. A. ; ANTONY,G. **Educação hipertextual: diversidade e interação como material didático**. In FIORENTINI, L. M. R.; MORAES, R. de A. (Orgs). **Linguagens e interatividade na educação a distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CRAMER, Eugene H, CASTLE, Marrietta (org). **Incentivando o amor pela leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Fernanda M. P. **A palavra (re)escrita e (re)lida via internet**. IN: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. 3 ed. São Paulo, Cortez , 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 2. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **O que é virtual.** São Paulo: Ed. 34, 2001.

LUCHESE, C. C. (et. al.) **Universidade: uma proposta metodológica.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos.** 5. ed. São Paulo: atlas, 2002.

SILVA, Ezequiel T. (coord.), et al. **A leitura nos oceanos da internet.** 3 ed. São Paulo, Cortez, 2008.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura.** 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.